CRIADO MUSEU DE CINEMA

Para "preservar todo o acervo que represente a evolução da arte cinematográfica no Brasil", o presidente do Instituto Nacional do Cinema criou em 14 de janeiro o Museu Nacional do Cinema, órgão que funcionará junto à Cinemateca Nacional, complementando-a e integrando-a.

Até que se instale em Brasília a Cinemateca Nacional, o Museu funcionará anexo ao Gabinete da presidência do INC, conforme determina a portaria n.º 10, que o criou. Para dirigi-lo, em caráter provisório, o presidente designou o conservador Jurandyr Passos Noronha, diretor da Divisão de Distribuição de Filmes e Diafilmes.

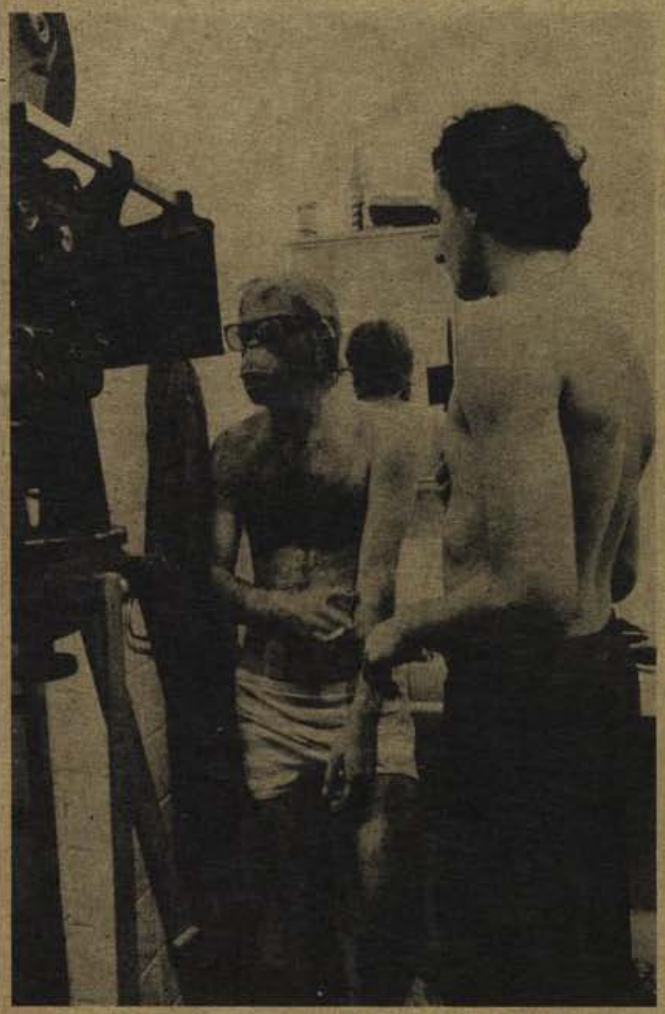
Explicando a medida, o presidente do INC disse que até agora não havia no país um órgão cinematográfico com finalidades museológicas, o que fêz com que peças importantes e documentos históricos do cinema brasileiro desaparecessem através dos anos, deixando uma lacuna na história fílmica nacional

Com base em doações de particulares e aquisição de bens através de dotações orçamentárias do INC, o Museu Nacional coletará filmes, publicações, fotografias e aparelhos cinematográficos antigos, a fim de constituir um panorama do desenvolvimento do cinema no Brasil.

O BANGUE! BANGUE! DE ANDREA TONACCI

O título é o barulho que mais se ouve em cinema: *Bangue! Bangue!* O roteiro era sumário e oitenta por cento dos diálogos foram criados pouco antes das filmagens. Os personagens — como em *Ôlho por Ôlho* (curto, 1966) e *Blá-Blá-Blá* (curto, 1968, primeiro prêmio no Festival de Brasília) — não têm nomes. O principal (Paulo César Pareio) é envolvido em várias situações, durante as quinze seqüências do filme, e não tem nenhuma influência sbre elas. Os outros são um bandido gordo, que come o tempo todo (Abrão Fark), um bandido cego (Ezequias Marques), um bandido que, de vez em quando, se veste de mulher (José Aurélio Vieira), e uma mulher (Jura Otero). A narrativa é fria e distante. A montagem pràticamente não existe — tudo foi rodado já levando em conta a montagem final. E a música é uma mistura de temas que vão desde "Eu Sonhei Que Tu Estavas Tão Linda", de Lamartine Babo, até trechos de grandes filmes comerciais, incluindo Henry Mancini, Lalo Schifrin, André Previn, passando por Gene Krupa, Aaron Copland e Blood, Sweat & Tears.

O sentido de tudo isso?



ANDREA TONACCI NO SEU "PLANETA DOS MACACOS"

"É sentar na cadeira e curtir", diz Andrea Tonacci, italiano de 26 anos e (20 de Brasil), fotógrafo do primeiro filme de Rogério Sganzerla *(Documentário/1966)*, autor de dois curtos e produtor (em 1969) de mais cinco *(Arrastão* e *Nó*, de Lucília Simon, *Traineira* e *Terrykyo*, de Oto S. Marques, e *Superstição e Futebol*, de Sílvio Lana). O primeiro longa-metragem de Tonacci nasceu porque um outro, *Prêto e Branco* (em côres, com muitos personagens políticos e exigindo bastante em têrmos de produção), não pôde ser feito. Os três bandidos de *Bangue! Bangue!* existem originalmente no roteiro de *Prêto e Branco*, mas aqui êles aparecem como caricaturas do que havia sido pensado antes. "Os personagens dos atôres nasceram, inclusive, por uma questão geográfica", diz Tonacci. O filme foi rodado em Belo Horizonte — em onze dias, com fotografia de Tiago Velloso e som direto de Geraldo Velloso — e usa vários atôres locais. O próprio personagem interpretado por Pereio (que em algumas cenas aparece usando a máscara do filme *O Planêta dos Macacos)* era o único pré-definido e, ainda assim, na tela aparece com várias atitudes e gestos do próprio ator. Tonacci define-o como "uma figura que só existe em têrmos visuais e auditivos". E explica seu próprio programa de trabalho: "Nenhuma preocupação em narrar uma história, mas em criar climas".

Produzido pela Total Filmes — Andrea Tonacci, com financiamento da Comissão Estadual do Cinema de São Paulo e — como diz o autor — "créditos muito variados", *Bangue! Bangue!* ficou pronto em fins de outubro e na sua desconcertante narrativa, cheia de clímaxes e anticlímaxes, onde o absurdo aparece às vêzes como uma mínimo, estranho — o próprio absurdo, promete for-